

Solaris

n em depoimentos detalhes
Loma

sempre com aquele sorrisão na cara. Corta! É 2025 e eu estou no Morrostock, trabalhando na assessoria de imprensa. Numa bela manhã de outono, no paraíso onde acontece o Festival, em Santa Maria, me dirijo ao Palco Lago, que, como o nome diz, fica à beira de um rio com pedras, corredeiras e água límpida. Sento, como todos, em uma das pedras na margem, ponho os pés na água e lá surge ela, quase como uma aparição na nossa manhã, cantando *Lugarejo*, de Giba Giba e Wanderlei Falkenberg. A natureza inteira se acendeu para ouvir a história, mais uma vez sendo tecida, ao vivo, a cores, bem debaixo dos nossos olhos.

Bebê Baumgarten (jornalista e assessora de imprensa)

Eu tinha 13 anos de idade e cantava em festivais infantis quando a Loma soube que eu cantava. Imediatamente ela me enviou um disco de vinil dela e mais uma fita contendo gravações de músicas suas que ela havia cantado nos festivais. Junto veio também uma carta dela na qual dizia ficar à minha disposição caso precisasse. O mais interessante é que na carta ela referia-se a mim como

credita à riqueza rítmica e variedade dos parceiros envolvidos na produção do disco, em especial à participação na feitura da obra em estúdio do produtor carioca João de Aquino. Na canção título *Além-Fronteiras*, Loma arrisca outra autodefinição: “*Eu sou a negra maluca do sempre ou do nunca, do oito ou oitenta / Sem freio n’alma e na boca, sou feito uma louca paixão que rebenta / Eu sou a pétala solta que um dia te encontra, te enfeita e te afaga / E noutro se desorienta, sou feito uma lenta paixão que embriaga*”.

Ziguezagueando ganhou lançamento em 2015, reunindo em seus sulcos 15 canções que eram uma síntese das experiências musicais e estéticas vivenciadas por Loma até ali. O álbum apresenta um verdadeiro banquete, pondo na mesa maçambique, maracatu, ijexá, reisado, samba-enredo, samba-canção, ritmos africanos, baião, misturas de mambo e



Glau Barros (esq), Loma, Nina Fola e Marietti Fialho no projeto *Iadolê*

“colega”. “Para minha colega Shana”. Eu ainda hoje lembro o quão surpreendente para mim foi ler aquilo. Como assim a artista que era referência para mim nos festivais e que eu escutava sempre cantando nos discos de festivais me chamando de “colega”? Eu acredito que a Loma é a intérprete mulher mais generosa que existe aqui no Rio Grande do Sul. E artisticamente uma das mais completas. Tudo isso na realidade fala muito sobre a personalidade generosa da Loma enquanto ser humano e também enquanto artista.

Shana Muller (cantora e compositora)

A Loma para mim foi uma figura muito importante ao longo de minha trajetória musical

e, eu diria, uma das grandes referências, além de minha própria mãe, dentre tantas outras mulheres que admirava. Uma das poucas pretas que vi na televisão numa época em que se não se via mulheres pretas na TV, nos comerciais ou em qualquer outro lugar. Loma foi minha referência como mulher, cantora também, maravilhosa, a nossa griô. A mulher que nos pampas representa a mulher preta. Loma representa a força da mulher preta. A resiliência da mulher preta. A existência da mulher preta. A Loma, para mim, é figura fundamental dentre todas as outras importantíssimas na história, não só do nosso Rio Grande como de todo o País.

Marietti Fialho (cantora, compositora e empresária)



Loma, durante sua performance na Moenda da Canção Nativa de 2024

samba e chamamé. O radialista e pioneiro comunicador Glênio Reis, à época de seu lançamento, considerou o disco o melhor produzido naquele ano. Discorreu Glênio que, além do timbre mágico da voz de Loma, *Ziguezagueando* trazia belas interpretações feitas por ela para difíceis temas. “O grande barato

da atualidade não é mais a música vinda do campo, mas, sim, a litorânea, aquela que fala do mar e dos pescadores com ritmos de maçambiques e quicumbis. Tratam-se de heranças benditas de origem afro-açoriana que encontram, na voz de Loma, a grande referência deste tipo de musicalidade”, traçou Reis.

As muitas cores de Loma Solaris

Antes de engrenar carreira solo, Loma foi voz de apoio em shows de artistas como Elza Soares, Gilberto Gil, Bebeto Alves, Neto Fagundes, Jorge Mautner e Alceu Valença, entre tantos outros. Um dos destaques da sua carreira foi com os Cantadores do Litoral, que divulgou pelo Brasil e Portugal o legado afro-açoriano no Rio Grande do Sul.

Loma Solaris consolidou-se nos Festivais Nativistas Gaúchos a partir da 4ª Califórnia de Uruguaiana. Foi premiada Melhor Cantora Nativista da década de 1980 no Estado, indicada ao Prê-

mio Sharp na categoria cantora Regional no ano de 1992 e vencedora do Açorianos de Música em 2000, nas categorias de melhor intérprete e melhor CD de MPB.

Loma fez este ano sua estreia como atriz em um longa, no filme *Porongos*. Na produção dirigida por Diego Müller, ela é Preta Roza, mulher negra escravizada convertida em guerreira no quilombo de Manoel Padeiro, em 1830. Combatente armada e estrategista, Roza morreu em confronto em 16 de junho de 1835, tornando-se símbolo da resistência negra e feminina no Estado.



Loma Solaris fez sua estreia em longas-metragens atuando no filme *Porongos*

Nos sulcos da vida

Antes de dar início definitivamente à carreira solo em 1983, Loma Solaris deixou seus vocais em importantes gravações feitas em disco por artistas gaúchos e brasileiros das mais diversas procedências e dos mais distintos gêneros. A seguir, uma seleção de discos e respectivas canções nas quais Loma deixou eternizada sua voz de timbre e qualidades vocais únicas.

Paulinho Tapajós
A História se Repete (1978)
Pera, Uva ou Maçã
Sapato Velho

Fernando Ribeiro
O Coro dos Perdidos (1978)
Dramas de Circo
Americano III
Pedaços
Valhalla

Elza Soares
Negra Elza (1980)
Timbó
Olindina

Kleiton e Kledir
Kleiton e Kledir (1981)
Deu Pra Ti

Jorge Mautner
Bomba de Estrelas (1981)
O Encantador de Serpentes

Gilberto Gil
Luar (1981)
Luar
Axé Babá

Alceu Valença
Cavalo de Pau (1982)
Como dois animais
Tropicana

Bebeto Alves
Notícia Urgente (1983)
Mágica
Chama Crioula

Marcos Valle
Marcos Valle (1983)
Tapa na Real

Zé Ramalho
Por Aquelas Que Foram Bem Amadas Ou Pra Não Dizer Que Não Falei De Rock (1984)
Paisagem da Flor Desesperada
Made in PB
Brejo da Cruz
Dogmática
Dupla Fantasia

Léo Ferlauto e Banda Delírio
Sonho de Valsa (1984)
Rock em fá



Cristiano Bastos é jornalista e autor de *Julio Reny – Histórias de amor e morte* (Prêmio Açorianos de Melhor Livro em 2015), *Júpiter Maçã: A efervescente vida e obra, Nelson Gonçalves: O rei da boemia, Nova carne para moer e Gauleses irredutíveis – Causos & Atitudes do Rock Gaúcho*. Também publicou, em 2023, a obra de jornalismo e artes gráficas *100 grandes álbuns do rock gaúcho: influências e vertentes* (Nova Carne Livros).